

## Considerações Sobre *À Espera Dos Bárbaros*, de J. M. Coetzee

Miguel Reale Junior

Livre-Docente da Faculdade de Direito

Universidade de São Paulo

Brasil

**Resumo:** O autor argumenta que, na obra *À Espera dos Bárbaros* de Coetzee, o que remanesce da leitura é a sensação de mal-estar da impotência: não adianta gritar NÃO diante da ignomínia de se tentar normalizar a tortura. A Justiça apenas se apreende pela constatação sentida da Injustiça. O autor sugere que não há como expressa qualquer forma de revolta diante da tortura, mas apenas uma revolta silenciosa e desconfiada.

**Palavras-Chave:** Revolta Silenciosa; *À Espera dos Bárbaros* de Coetzee; Impotência e Mal-Estar; Justiça e Turture.

**Abstract:** The author argues that, in Coetzee's work *Waiting for the Barbarian* that which remains from the reading is the sensation of discontent of impotency: there is no use crying out NO against the ignominy of trying to normalize torture. Justice is only apprehended by the felt evidence of Injustice. The author suggests that there is no way of expressing any form of revolt against torture, but only the silent and suspicious revolt.

**Key-words:** Silent Revolt; *Waiting for the Barbarians* by Coetzee; Impotence and Discontent; Justice and Turture.

87

*Considerações  
Sobre À Espera  
Dos Bárbaros, de  
J. M. Coetzee*

Miguel Reale  
Junior

## A REVOLTA SILENCIOSA

*“Num lugarejo da província ocidental de um império sem nome, um magistrado cumpre seus deveres cotidianos, à espera da aposentadoria próxima e do obituário em letra miúda na gazeta oficial. É um funcionário correto, exemplar sem ser fervoroso. Em nome de uma ordem que não lhe cabe questionar, recolhe impostos, dita sentenças e vez por outra afugenta os bárbaros maltrapilhos que habitam o deserto escaldante. Seus pensamentos mais íntimos e melancólicos ele sabe guardar para si, para as horas em que se dedica a escavar as ruínas vizinhas, cobertas pelas areias.*

*Seus dias de modorra moral chegam a um fim abrupto pelas mãos de um certo coronel Joll, oficial das misteriosa Terceira Divisão da Guarda Civil (um corpo de guardiães do Estado, devotos da verdade e doutores do “interrogatório”), que vem da capital para investigar e reprimir, por todos os meios, um suposto movimento de sedição entre os bárbaros que vivem além das fronteiras imperiais. Os rumores a respeito são mais que tênues, o que não impede o coronel de torturar prisioneiros e silenciar dissidentes – entre os quais o magistrado, que não soube tapar os ouvidos a tempo....<sup>1</sup>”*

88

---

*Considerações  
Sobre À Espera  
Dos Bárbaros, de  
J. M. Coetzee*

Miguel Reale  
Junior

---

<sup>1</sup> Relato constante da ‘orelha’ do livro.

No universo em que se confronta o império da lei em face dos interesses de poder do Império, o velho magistrado luta para proteger os “bárbaros”, povo nômade eleito pelo Poder Central como o INIMIGO. Nesta estrutura maniqueísta contrapõem-se quem é a favor e quem é contra o Estado, em operação na qual o Exército atua na linha de frente para aprisionar os bárbaros, mas é a Polícia que conduz as investigações, por todos os métodos de degradação do homem.

Os membros da força militar, após aprisionar alguns bárbaros e seviciá-los, abandonam a cidade. Os bárbaros voltam à sua zona além fronteiras. O velho magistrado conduz ao seu povo uma moça “bárbara” que fora aprisionada, mas permanecera no vilarejo, ferida nos pés e cega em razão de tortura. Tornara-se a moça bárbara amante do juiz, em parte como consequência da atenção por este devotada à sua situação de desamparo e de dor. Ao retornar da aventura de conduzir a “bárbara” à sua comunidade, o juiz encontra os militares novamente instalados na cidade. Comenta, então:

*“talvez esta escapada não tenha sido inútil se eu conseguir recuperar, ainda que tenuemente, um espírito de indignação”.*

Esse é o desafio do representante não apenas da lei, mas da Justiça, diante da prática normalizada da tortura, vista como natural, em nome da “razão de Estado”: acomodar-se, admitir o fato consumado da tortura, ou reconhecer a impotência da sua revolta? Logo adiante medita o juiz:

*“O que se tornou importante acima de tudo é que eu não seja contaminado pela atrocidade que está para ser cometida, nem que me envenene com ódio impotente contra seus perpetradores”.*

A ênfase deve ser dada não ao ódio, mas à impotência, à possibilidade do **ódio impotente**.

Diante da tentativa de normalização da tortura a que são submetidos os prisioneiros, transformam-se os membros da população atônita de espectadores em partícipes ativos, por exemplo, ao se fazer uma menina, assistente da barbárie dos soldados, a vir a colaborar na tarefa de bater nos homens amarrados ajoelhados. Ao tomar o coronel um martelo para continuar a sevícia, o magistrado rompe com a impotência e grita: NÃO. Em direção ao Coronel, exclama: “Você está depravando esta gente”.

Teria dito mais se não fosse agredido. Teria dito que “*é pior espancar os pés de um homem até virar papa do que matá-lo*”, que é uma vergonha para todo mundo uma garota obter permissão para bater num homem.

Confessa, então, sua dúvida em defender a Justiça, sendo-lhe mais fácil deitar a cabeça no cepo do que defender a causa da Justiça para com os bárbaros. Pondera, diante deste quadro angustiante:

*“O velho magistrado, defensor do domínio da lei, à sua própria maneira inimigo do Estado, atacado e aprisionado, inexpugnavelmente virtuoso, não está desprovido de suas próprias dúvidas”.*

E por que estas dúvidas?

Se o velho representante da Justiça, mais do que da lei (que pode ser um instrumento da Injustiça), berra, com o pouco de indignação que ainda o movia, diante da normalização da tortura ao se transformar uma criança em torturador, no entanto, é grandemente assolado por forte sentimento de impotência.

Esta impotência é fruto do confronto inarredável e desigual entre duas compreensões do tempo e do destino: o **tempo das estações** e o **tempo do poder**, com a vitória contínua do tempo do domínio do Estado, do Império, que **escreve a história**.

Nostalgicamente retrata-se o tempo da paz, que é o tempo das estações, o tempo do sapateiro em casa batendo sua fôrma; da dona de casa debulhando ervilhas em suas cozinhas, contando histórias para ocupar os filhos; do tempo do fazendeiro calmamente consertando seus diques.

O tempo recorrente do ciclo das estações é o **tempo que passa sereno. O tempo das estações é o tempo das colheitas, das migrações das aves aquáticas, da vida em que nada separa o homem das estrelas**: um verdadeiro paraíso imerso na natureza, quando os homens cultivam pacíficos grãos e as mulheres os colhem e os utilizam com saber. Este é o tempo em que predomina a paz, em que os ciclos se repetem e as horas são lentas.

Haveria duas histórias: a dos ciclos cujos personagens são os homens comuns em sua existência cotidiana, desprovidos da ambição do poder; e a história do poder, que contamina e invade a tudo, a história das conquistas, dos grandes acontecimentos revestidos de armas e pompas. São duas histórias, são dois tempos, duas formas de viver o tempo.

O tempo dos ciclos contínuos e pacíficos contrasta com o tempo entrecortado do Império que é o tempo da ascensão e da queda, do começo e do fim, da luta, das conquistas, do Poder. É o tempo da história, que é o percurso de todos os Estados que dominam os povos. **O Império se condena a viver o tempo da história e a trabalhar para se perpetuar.** Para tanto, **de dia persegue os inimigos**, no deserto sem fim, espada desembainhada para cortar bárbaro após bárbaro. **À noite**, o Império se alimenta de imagens de desastre: violação de populações, hectares de desolação.

O **Tempo das estações**, no entanto, é avassaladoramente dominado pelo **Tempo da história**, pois sempre haverá a tentação do poder, da conquista, do confronto, da criação do inimigo para justificar a existência dos exércitos e da polícia destinados a o perseguir. O inimigo é a condição necessária da perpetuação do Império. E o Império para se perpetuar precisa degradar e humilhar os homens, os pretensos inimigos, escrevendo desta maneira a história, fazendo surgir a flor negra da civilização. O juiz pensa:

*“Queria viver fora da história. Queria viver fora da história que o Império impõe a seus súditos perdidos. Nunca desejei que os bárbaros tivessem a história do Império pesando sobre eles”.*

Mas, é inexorável: a história dos Impérios se escreve sobre as mazelas que constroem sufocando os demais povos, eleitos como inimigos a serem não apenas vencidos, mas humilhados, degradados, destituídos de sua condição humana.

A irreversibilidade da história, do destino inexorável do Império, que ao dominar normaliza a humilhação do homem, se constata no comportamento do Império dos Estados Unidos após 11 de setembro, nas prisões de tortura como a de Abu-Ghraib.

O livro “À espera dos bárbaros” data de 1.980. As infames violações de direitos com a normalização da tortura nos presídios que encarceraram os inimigos do Império americano, denominados de INIMIGOS COMBATENTES ILEGAIS, datam de 2.003, 2.004. A tragédia da luta do Império para se perpetuar, descrita no livro de Coetzee de 1.980, se torna a realidade, após 11 de setembro de 2.001, na prática adotada por militares americanos, especialmente nos presídios destinados aos INIMIGOS COMBATENTES ILEGAIS.

Espantosa a semelhança, como se pode verificar no livro de MICHEL TERESTCHENKO, “*Du bon usage de La torture ou comment les démocraties justifient l’injustifiable*” (Paris, La Découverte, 2.008), entre os panoramas de Abu-Ghraib e de “À espera dos bárbaros”.

Para TERESTCHENKO, o Estado “Democrático” que tortura o faz negando a humanidade de suas vítimas sem os escrúpulos que seriam de se esperar, pois se opera a normalização da tortura vista como transgressão racionalmente admitida por ser necessária à defesa do Estado, de forma a

transformar o mal em bem. Deste modo, desaparece qualquer dilema moral em uma visão utilitarista em que prevalece a opção pelo mal menor, que é sempre o sacrifício do inimigo do Império. Neste cálculo de custo-benefício encontra-se a “justificação liberal da tortura”.

O tratamento cruel, inumano e degradante adotado nas prisões de INIMIGOS COMBATENTES ILEGAIS, após 11 de setembro, é o mesmo descrito por COETZEE. O curso da história, nos trinta anos que nos separam da edição de “À espera dos bárbaros”, apenas confirma uma torrente de acontecimentos a sombrear os pacíficos ciclos das estações, o curso normal da natureza, como o momento das migrações dos pássaros, o instante de semear e o de colher.

Os romanos já diziam que a natureza não anda aos saltos, mas hoje o homem atua contra a natureza também por viver, nos tempos da urgência, aos saltos e sobressaltos em busca frenética de poder, político ou econômico, que se admite, sem escrúpulos, exercer esquecido de quaisquer limites éticos.

O que remanesce da leitura de “À espera dos bárbaros” é a sensação da impotência: não adianta gritar NÃO diante da ignomínia de se tentar normalizar a tortura, pois a avalanche da história carrega o que encontra pela frente e desfaz os panoramas paradisíacos do sapateiro em sua oficina, da dona de casa a cantar para os filhos, dos ciclos das estações. O que importa e domina é a afirmação do Império, que se perpetua pela destruição física e moral dos pretensos “inimigos”, combatentes ou não.

Sem ser a vida fora da história, da história do poder, o que é impossível, pois o homem contamina de acontecimentos militares e de conquistas a todos os povos, **só resta, como única esperança, que da degradação brote a compreensão da dignidade do homem**, cuja grandeza depende de sua aviltção. A Justiça apenas se apreende pela constatação sentida da Injustiça. Fica na garganta, preso, um grito de “Basta”, que não vale a pena ser gritado, pois é mais valiosa e produtiva, como, a meu ver, sugere Coetzee, a revolta silenciosa e desconfiada.

Recebido em 15 de julho de 2011.

Aprovado em 10 de agosto de 2011.

94

---

*Considerações  
Sobre À Espera  
Dos Bárbaros, de  
J. M. Coetzee*

Miguel Reale  
Junior